

Cardoso, Fernando **O Presidente está coberto de razão**

08 OUT 1994

Quando o presidente Fernando Henrique Cardoso asseverou não ser um beócio, externou uma verdade incontestável. Juro, por minha fé, que a oposição pode epitetá-lo de outros atributos. O de beócio nunca. Dotado de privilegiada inteligência, senhor de vasta cultura, proclamada nas Oropas, França e arredores, torna-se ocioso o enfático desabafo presidencial.

A constatação, por óbvia, não mereceria maiores considerações. Solta no meio de uma das amiudadas arengas presidenciais, poderia ser jogada ao limbo das assertivas incompromissadas. A mídia, porém, ante o termo inusitado, temeu consequências imprevisíveis, de cunho político, econômico e social. É ponto pacífico que um espirro de Júpiter tonitruante pode gerar aterroizantes trovoadas e mortais relâmpagos.

Os atentos profissionais da comunicação correram, pressurosos, ao Aurélio e apressaram-se a explicar ao público ignaro que o presidente Fernando Henrique Cardoso está coberto de razão: de fato, não é nenhum ignorante, boçal, simplório ou ingênuo.

Se, por acaso, alguma dúvida a respeito pairasse, em algum espírito, afastada foi pela Academia Brasileira de Letras, que vai torná-lo imortal. Prevê-se, inclusive, sem possibilidade de erro no cálculo, que será eleito por unanimidade.

Só que, para isso, terá de afrontar a determinação presidencial de que todos devemos esquecer o que ele escreveu no passado. Não importa se seus livros revelam um estilo adequado e o constituem um repositório de sabedoria sociológica. O importante é que, como Eugênio Gudin, F.H.C. chegou à conclusão de que "a teoria, na prática, é diferente". Portanto, devemos aplaudir, encomiasticamente, o que faz e olvidar o que ensinou em seus admiráveis escritos.

Para a Academia Brasileira de Letras a dificuldade é perfeitamente superável. Os livros, no caso, não necessitam ser objeto de análise. O fato de o candidato ser Presidente da República é título mais que convincente para sua eleição.

A imortalidade, todavia, não garante a permanência no cargo presidencial. E esta é a que F.H.C. verdadeira e ardentemente almeja. Com carradas de razão. Pobre do Ricúpero e coitado do Itamar se não surgisse um Fernando Henrique para conduzir a bom termo o Plano Real.

Ademais, as pesquisas encomendadas pelo Palácio do Planalto não deixam margem a dúvidas. Pouco importa que a criminalidade apavore as populações dos grandes centros urbanos; que o desemprego deflagre uma ascensão perigosa; que os sem-terra ameacem a lei e a ordem; que os com-banco, montados no Proer, apaguem os crimes do passado e manobrem para auferir lucros cada vez mais fabulosos; que penosas sejam as atividades agrícola e industrial.

Vale a pena abrir um parênteses para ressaltar a posição da Confederação Nacional da Indústria. Seus capitães, apesar da crise que os asoberba, pregam, à unanimidade, a reeleição de Fernando Henrique Cardoso.

Como no caso da Academia Brasileira de Letras, o argumento da CNI é definitivo: Presidente é Presidente. Nenhuma adulação é supérflua.

De acordo. Mas, só para refletir, vale o pensamento de Lord Breaconsfield, mais conhecido por Disraeli:

"Político é o que pensa na próxima eleição (ou reeleição); estadista o que pensa na próxima geração".